

Memórias a preservar: anônimos e quase anônimos – homens e fatos da liminaridade

*Carlos Serrano**

Questões que se põem a um operário letrado

Quem construiu Thèbas das sete portas?
Nos livros, dão-se os nomes dos Reis.
Os Reis carregaram os blocos de pedra?
Babylonia, várias vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
A cada dez anos um grande homem.
As despesas quem as pagava?
Bertold Brecht

A reflexão dos intelectuais em relação à situação do povo angolano, na luta pela independência, deu-nos a compreender uma nova concepção de mundo e novas representações simbólicas e autônomas em resposta ao projeto orgânico do Estado colonial. Estas representações parecem-nos fragmentadas na medida em que não existia um projeto revolucionário e radical que proporcionasse a concepção de uma totalidade capaz de substituir o antigo sistema. Assim, uma mutação da consciência do revolucionário antecipa e inicia o processo da

* Universidade de São Paulo – USP.

“descolonização”. É a esperança antecipadora de que nos fala Ernest Bloch, a Utopia. E, aqui nos parece necessário incorporar um conceito-chave proposto por Georges Balandier, que é o de “retomada da iniciativa”. Segundo ele, a retomada da iniciativa não é uma simples volta aos valores pré-coloniais ou a uma ideologia tradicional que se oponha à ideologia orgânica do período colonial. Também não é uma improvisação sobre algo que não existe mais, sobre uma página branca legada pela colonização, como pretende Sartre. A retomada da iniciativa é uma transformação e uma transformação da consciência pela sua ação sobre ela mesma no decurso do movimento revolucionário, isto é, uma transformação da consciência que produz efeitos práticos e uma nova ordem. É, porém, um movimento interno na consciência coletiva, que faz passar de uma ordem antiga a uma ordem de devir. É a revolução da ação do interior das consciências. É neste contexto que surge o momento e a necessidade de escrever a História pelos atos, escrever a História imediata e reescrever a História do passado pelos próprios sujeitos da mesma. Os Homens e os Factos a preservar na memória nacional. Mas, uma História que comporte as diversas Histórias locais, parcelares, como diria o meu amigo Ruy Duarte de Carvalho, regionais, pessoais-memoriais, biográficas, autobiográficas etc., que dêem conta de toda diversidade cultural, ideológica ou religiosa na construção de uma unidade, da nação e de um projeto comum a todos os angolanos.

Há que levar em conta os que ficaram no caminho porque tombaram na luta ou não tiveram a felicidade de ver a Pátria independente e que foram conduzidos ao “anonimato” ou aqueles de que ainda há algum testemunho não recolhido e, portanto, se tornam em “quase anônimos”. Ou ainda aqueles que ficaram à margem da História por sua condição de classe, como lembra a epígrafe que colocamos no início desta comunicação com um poema de Bertold Brecht, ou ainda aqueles que de algum modo ou em algum momento se cindiram do movimento, mas nunca romperam com aspirações de ver Angola Independente. São aqueles que no título desta comunicação denomino homens na liminaridade. A eles dedico a lembrança e o testemunho dos fatos associados a eles que trouxeram relevância ao processo de luta. Fatos que se prendem àquilo que denomino como Tempos fortes da História recente ou imediata: o **Tempo do Imaginário ou do antigamente da vida**, relativo ao processo de criação de um imaginário cultural autônomo e de resistência ainda dentro da situação colonial que se vivia; depois o **Tempo da Revolução**, quando se parte para

a luta armada onde surgem os mesmos, mas também novos atores que forjam um novo tipo de luta e de consciência de si pela práxis revolucionária até a vitória final. Assim, inicia-se um novo tempo, o **Tempo da Independência ou Institucional**, que institui o Estado-Nação e promulga o Estado Unitário a se projetar para o futuro: Angola. Cabe, portanto, criar a unidade dentro da diversidade, da diferença sem exclusão de raça, de etnia nem crença religiosa, simplesmente: angolanos. Logo penso que ao querer escrever a História de todos para todos, teremos de incluir todos aqueles que de algum modo contribuíram para a luta de Independência. Naqueles diversos momentos, **Tempos**, que enunciei anteriormente.

É evidente que as pessoas agem em certos contextos e deste modo estão associadas a fatos históricos necessários para este tipo de narrativa. A nossa história recente é rica em eventos importantes mesmo que o “tempo breve” historicamente – estou falando da história recente para nós, “Breve século XX” como disse Eric Hobsbawm, historiador marxista ao referir-se aos fatos que marcaram o século passado iniciado em 1917 com a revolução russa de outubro até seu colapso prematuro em novembro de 1989. É neste lapso de tempo que se circunscrevem os eventos que conduzirão à Independência de Angola. Hoje, tempo de reflexão, pós-independência, demanda a fixação escrita destes testemunhos e da divulgação destes escritos por todos meios, através de artigos, livros, acessíveis a todos, pois esta escrita é necessária para a construção da identidade nacional. Claro que este tipo de escrita é construído a partir de uma “subjetividade dialógica”, isto é, falar de si através de um “outro” através da memória e das condições históricas em que este discurso foi formulado (Daniela Versiani, 2005, p. 105). Há que depurá-lo dos evocativos emocionais-pessoais e ideológicos para que possa ser representado na memória coletiva...

Deveríamos ainda lembrar que a transmissão está no centro de qualquer abordagem antropológica da memória, e se memorizar serve para transmitir, é o conteúdo transmitido ou o laço social que se torna importante para esta transmissão. A educação, os museus, as diversas formas e expressões de arte são modos operacionais de transmissão de uma memória a perpetuar e as raízes comuns de um destino comum, ou seja, de uma consciência identitária.

A recuperação da memória ainda na liminaridade deve ser recuperada em nome dos laços sociais a ser construídos pela identidade nacional. Calendarização das principais datas nacionais, memórias, nomes de ruas, placas comemorativas

talvez tenham sido os primeiros passos do processo de memorização e transmissão. Mas a transmissão e divulgação através da escrita estão num processo de importante revisão necessária daquilo que Benedict Anderson chamou de “comunidade imaginada”, o imaginário comum a todos, necessário à Nação.

Passo agora a um testemunho sobre aqueles a quem nomeei de os “quase anônimos” e que por isso caíam mais facilmente no esquecimento. Vou referir-me a personagens “não angolanos” que merecem nossa homenagem e a permanência deles em nossa memória visto terem sido solidários e ativos na luta pela independência de Angola. São inúmeros em vários países que tiveram grupos de ajuda aos movimentos nacionalistas. Devido à minha longa estada no Brasil, onde sou professor da Universidade de São Paulo, tive a oportunidade de contatar algumas dessas pessoas e de tê-las como amigas. Este testemunho é acompanhado de alguns documentos que ilustram a minha narrativa.

Por ordem cronológica falarei primeiramente do escritor brasileiro Salim Miguel que, com sua mulher Eglê Malheiros, Walmor Cardoso da Silva, Anibal Nunes Pereira, Ody Fraga, todos jovens intelectuais de Florianópolis, criaram a revista **SUL**. Salim Miguel estava encarregado de estabelecer as ligações com o exterior e, por isso, manteve correspondência com alguns jovens escritores angolanos dessa época. Eram os anos 50. De certa maneira esta correspondência era clandestina. O endereço era uma caixa postal em Luanda que foi mudada mais de uma vez para fugir à censura da PIDE, como podemos constatar através das cartas. Estes contatos serviram não só a estabelecer troca de revistas (a *Sul* do Brasil e a *Mensagem* de Angola), mas também a publicar uma pequena produção literária livre de censura, e a possibilidade de aquisição de livros e revistas que entravam clandestinamente em Angola. Na maioria eram livros de teoria marxista, proibidos de circular. Entre estes jovens angolanos contamos com cartas de Antonio Jacinto, Viriato da Cruz e José Graça/Luandino Vieira entre outros e que anexo a esta minha comunicação. A correspondência está reunida em um livro organizado por Salim Miguel e editado pela Top Books e a Academia Brasileira de Letras. Este livro constitui um documento histórico importante que deveria ser editado também em Angola, pois seria útil para os estudantes de Literatura e História interessados na temática. Tive o privilégio de fazer amizade e entrevistar Salim Miguel, hoje com mais de 80 anos, chegando mesmo aos noventa, que com sua esposa têm uma simpatia enorme em relação a Angola e àquele período de luta pela Independência demonstrado

na conservação por mais de 50 anos deste arquivo epistolar importante como testemunho e memória de protagonistas da nossa História.

Agora invoco um Movimento dos anos 60 em São Paulo e também no Rio de Janeiro que envolve vários nomes de destaque em torno dele. É o Movimento Afro-Brasileiro pró Libertação de Angola – MABLA, movimento esse criado como forma de apoio à luta de independência de Angola e especificamente ao MPLA. Congregava à sua volta alguns intelectuais, professores universitários, profissionais liberais e estudantes, todos com uma orientação progressista, solidários e ativistas em relação ao apoio à luta de libertação de Angola. Junto a ele foi também criado um Comitê Brasileiro de Auxílio aos Refugiados Angolanos – CBARA que tinha como função dar apoio e proteção a exilados angolanos no Brasil. Um grande número de professores da Universidade e outros constam da lista do anexo que juntei que é um papel timbrado do MABLA.

Nele destaco o nome do secretário geral do CBARA o médico psiquiatra Dr. Noêmio Weniger, que foi um grande amigo e ao qual devo este documento, assim como um outro de um discurso seu comemorando o 4 de fevereiro de 1962 no Sindicato dos Gráficos de São Paulo. Seu apartamento era um lugar de refúgio e reunião de muitos angolanos e defensores da causa angolana, como Costa Andrade, Fernando Mourão e outros. Aliás, o Professor Dr. Fernando Mourão está na origem destas duas organizações nomeadas, ainda na qualidade de estudante. Foi mais tarde meu professor e orientador de tese e depois nosso colega na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) e no Centro de Estudos Africanos da USP. Fernando Mourão foi também fundador do Centro de Estudos de Cultura Africana e depois do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. Ele foi dos professores mais ativos e solidários com os estudantes angolanos e outros africanos neste período. Esta solidariedade data de quando ele era ainda estudante em Portugal, e participava da Casa de Estudantes do Império, onde conviveu com vários estudantes das colônias africanas de língua portuguesa, futuras lideranças de seus países tanto na luta de libertação como depois das Independências. Fernando Mourão, um intelectual da cultura, foi e continua sendo um Professor e grande incentivador dos seus alunos e colegas nas relações com a África de hoje.

Não me vou alongar, mas citarei uma dissertação de mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sobre esta temática, para mostrar a relevância do fato.

Outro documento, que anexo, foi-me doado por um amigo português após o 25 de Abril, e refere-se a uma cópia de um ofício da PIDE sobre a prisão de um cidadão francês (nascido em São Paulo – Brasil) preso em Lisboa por atividades subversivas identificadas com o MPLA e por ajuda na fuga de vários camaradas angolanos levando-os no seu carro para Espanha e possibilitando a fuga destes. Pelo relato vê-se ser um indivíduo progressista, pelas suas leituras e pela sua solidariedade militante. Foi preso dia 2 de abril de 1962. Fiquei sabendo por uma sua familiar em São Paulo, minha colega de Departamento na Universidade, que mais tarde foi enviado para França onde encontrou dificuldades em arrumar um novo emprego.

A importância deste camarada na estruturação de um esquema de fugas tornou possível a muitos estudantes, futuras lideranças, conseguir a liberdade e ingressar na luta de libertação. Este documento revela a solidariedade de uma pessoa, não angolana, mas que mesmo assim se arrisca, em meio a uma repressão feroz, para ajudar seus camaradas.

Estes são alguns personagens que nomeei como quase anônimos relacionados a fatos que a memória deve reter como testemunho no caso da solidariedade que existiu no decurso da luta de libertação. São fatos não do mesmo valor talvez como aqueles que se prendem à luta armada, à repressão no interior do país, à luta clandestina e outros fatos associados aos sujeitos angolanos da História. Mas todos eles se prendem ao testemunho de alguns que pela sua solidariedade também devem ter um lugar na memória. Uma Memória a preservar e que se faz necessária, mas como bem disse nosso grande poeta e amigo Ruy Duarte:

Uma memória a ter-se
mas não aquela que o futuro impeça.
(*Hábito da Terra*, 1988)

ANEXOS

Movimento Afro-Brasileiro pró Libertação de Angola

MABLA

RUA MARIA ANTONIA, 254 - C. P. 8105

SÃO PAULO — BRASIL

Comitê Brasileiro de Auxílio
aos Refugiados Angolanos
C B A R A

Rua Apa, 190 — São Paulo

Presidente:

Dr. Paulo Duarte

Secretário:

Dr. Noémio Weniger

Tesoureiro:

Luiz Carlos Mesquita

Comissão de Honra:

Professores: Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Hollanda, Lourival Gomes Machado, Samuel Pessoa, Aníbal Silveira, Ruy Andrada Coelho, Antonio Cláudio de Mello e Souza, Luiz Henrique Jacy Monteiro, Fernando Henrique Cardoso, Laerte Ramos de Carvalho, Mario Schemberg, Octávio Ianni, Oliveiros S. Ferreira, Eládio Antunha, Luiz Lisanti Filho, Douglas Teixeira Monteiro, Alvaro Marchi, Luiz Hildebrando Horta Barbosa.

Jornalistas: Júlio de Mesquita Neto, Ruy Mesquita, Cláudio Abramo, Paulo Hecker Filho.

Drs.: Luiz de Aguiar Magano, Isaias Melsion.

Almirante Alfredo de Moraes Filho.

Senhoras e Senhores!

A data que hoje se comemora não é festiva nem de luto desesperador: é uma convocação de forças e de apoio para atender os reclamos de liberdade de um povo oprimido, asfixiado e sangrado implacavelmente pelo egoísmo estreito de salazarismo. Pode parecer a alguns, que o sistema colonialista do governo que há mais de trinta anos espesinha o povo português é apenas a continuação de um longo passado, semelhante a outros impérios coloniais. Entretanto, não é esta a realidade.

O colonialismo salazarista é, efetivamente, o mais nefasto dentre todos os existentes, porquanto, sendo a expressão fascista do despotismo que oprime, sem tréguas, a nação portuguesa, lança mão da opressão externa a fim de consolidar a tirania interna.

É impossível verificar, através do noticiário, a existência de uma opinião portuguesa contrária ao colonialismo. Estranha unanimidade das opiniões essa que o governo português veicula pelo mundo afora, como constituindo a expressão absoluta, unívoca e indisputável da totalidade de povo e das forças armadas da nação portuguesa! Entretanto, bem o sabemos e que vale essa unanimidade de opinião pública portuguesa que as "sentinelas do muro da burrice" (na feliz expressão de Arnaldo Pedroso D'Horta) conseguem obter através da diligente atuação da PIDE no interior das suas masmorras, ou melhor, nessa prisão em que Salazar transformou Portugal.

Diziamos que o colonialismo salazarista é o mais nefasto dos que se conhece, e isso pode facilmente ser verificado: por acaso já se viu qualquer país colonialista, mesmo nos áureos tempos desse sistema indigno e degradante, apresentar qualquer dos seus cidadãos que dele não partilhasse, como um simples traidor da pátria? Basta lembrar, em França, Condorcet, Augusto Comte e todos os seus discípulos, os quais, invariavelmente, já há mais de um século se vem batendo, até hoje, pela imediata extinção do colonialismo. Já em 1852 Augusto Comte escrevia: "Em relação ao mais imoral desses expedientes, ousou proclamar aqui, em nome dos verdadeiros positivistas, para que os árabes expulsem energeticamente os franceses da Argélia, si estes não a souberem restituir dignamente áquelles."

No entanto, nem na França nem na Inglaterra, jamais alguém ousou apresentar os positivistas como traidores da pátria.

Quando um cidadão qualquer deseja que a sua pátria seja digna, não oprimindo e explorando outros povos, será que a está traíndo? O fascismo salazarista assim o entende.

Mas será que todo o povo e todo o exercito de Portugal pensam da mesma maneira que o seu implacável tirano?

E porque então vários oficiais do exercito português que são enviados à Angola para massacrar o seu povo, recusam-se a fazê-lo através da fuga ou do suicídio? É evidente que o colonialismo salazarista tem os seus dias contados.

Nenhum obstáculo poderá opôr-se ao povo angolano na sua luta por libertar-se da degradante opressão do mais nefasto e implacável colonialismo dos nossos dias.

Noemio Wemigey
Noemio Wemigey

(Discurso pronunciado em 1962 ou 1963, no Sindicato dos Gráficos de São Paulo, em comemoração ao início do movimento pela libertação de Angola).



POLÍCIA INTERNACIONAL
E DE DEFESA DO ESTADO

S.  R.

I N F O R M A Ç Ã O

Excelentíssimo Senhor,

No prosseguimento das averiguações levadas a efeito nesta Direcção num processo em curso em que são arguidos vários estudantes ultramarinos por tentativas de saída clandestina do País, para ingressarem nos movimentos separatistas de Angola, foi indicado o súbdito francês LEWIN VIDAL, como um dos principais responsáveis e possível organizador dessa saída.

Para melhor identificação do referido indivíduo foram-nos fornecidos, por um dos arguidos, sinais inconfundíveis - falta total de cabelo, sobrancelhas e barba - que já anteriormente, a partir do fim do ano de 1961, nos eram dados por outros estudantes que se encontravam em situação semelhante aos de agora, para reconhecimento do indivíduo que, então, preparava a saída daqueles grupos, constituídos igualmente por ultramarinos - negros e mulatos.

Dizia-se, nessa ocasião, que parecia tratar-se dum súbdito suíço que falava o francês, ou português com sotaque francês, que normalmente se deslocava num automóvel do corpo diplomático no qual transportava, depois, para local ignorado, os estudantes ultramarinos que, em Lisboa e Coimbra, aliciava para aqueles movimentos.

Constou mesmo que alguns estudantes que saíram clandestinamente do País foram transportados e encaminhados por es-

se indivíduo até Espanha onde lhes foram fornecidos falsos documentos de identidade que os acreditavam como súbditos senegaleses, para mais facilmente poderem chegar ao país do destino. Soube-se também, que havia uma "comissão de recepção", na Alemanha Ocidental - em Frankfort, segundo penso - destinada a prestar assistência necessária a esses estudantes e encaminhá-los, depois, para os centros de instrução e preparação de guerra subversiva de alguns países da "Cortina de Ferro".

Localizado, agora, o referido francês foi detido, ontem, dia 2, pelas 7,30 horas.

O seu comportamento, verdadeiramente desagradável e incorreto, para com os funcionários desta Polícia que procederam à sua captura e busca domiciliária, à qual se recusou a assistir, não deixou dúvidas quanto à sua responsabilidade neste caso.

Conduzido a esta Direcção, só bastante mais tarde e depois de muito instado se identificou como sendo:

LEWIN VIDAL, súbdito francês, casado, procurador no Banco "Crédit Franco-Portugais", em Lisboa, nascido a 12 de Fevereiro de 1930, natural de São Paulo-Brasil, filho de Armand Vidal e de Raimond Lepré e residente na Rua Dona Filipa de Vilhena, n.º. 28, 4.º andar, nesta cidade.

Da busca domiciliária que depois se efectuou na presença da esposa, resultou a apreensão de numerosos recortes de jornais portugueses e estrangeiros de artigos publicados sobre assun-

tos relacionados com as nossas províncias ultramarinas e alguns livros, entre os quais, "LA GUERRE DE GUÉRILLA", de E. CHE GUEVARA e "LA RÉVOLUTION ALGÉRIENNE PAR LES TEXTES", de ANDRÉ MANDOUZE, o primeiro dos quais se encontra todo com diversas frases sublinhadas, o que bem demonstra a atenção que a sua leitura lhe mereceu.

Ouvido sobre as actividades subversivas que tem desenvolvido em Portugal, em ligação com os diversos movimentos africanos separatistas e terroristas, designadamente, com aquele que denominam por "movimento popular de libertação de Angola", mais vulgarmente conhecido por "M.P.L.A." e, bem assim, com a saída clandestina do País de vários indivíduos ultramarinos de ambos os sexos, na sua maioria estudantes universitários, por si também aliciados para aquele "movimento", negou tal acusação. Porém, as averiguações continuam a levar-nos à convicção de que o indivíduo em questão tem grandes responsabilidades, não só, no aliciamento desses estudantes, mas até na obtenção dos meios de transporte que deveriam utilizar, a partir da costa do Algarve, com destino aos países do Norte de África.

Lisboa, 4 de Abril de 1963

O SUBDIRECTOR,

Luanda, 24.9.1952

Meu caro Camarada,

esta é a realização dum desejo antigo, desejo que o meu Amigo Abranches provocou e que o recebimento de dois números da revista SUL e do seu livro "Velhice..." ~~apressou~~ activou.

Efectivamente nós já não somos desconhecidos (há os amigos comuns Ademar Américo Madeira e Augusto dos Santos Abranches, há os meus poemas que já conhece, há os seus contos que me entusiasmarão pelo que acho absolutamente dispensáveis as apresentações. Falemos pois, sem preconceitos nem constrangimentos, como bons camaradas e conhecidos de longa data.

Gostei da revista SUL onde, sem lisonja o digo (que ganharia em ser lisonjeiro?), sobre saem os seus trabalhos e de Eglê Malheiros. Revista de apresentação gráfica modesta, consegue interessar-nos pelo seu caracter juvenil, cultural e de solidariedade para com os novos de todo o mundo (afinal os problemas da juventude são idénticos em toda a parte).

Foi-me grato saber do IV Congresso B. de Escritores, com cujos resultados estamos firmes. Espero que este ano já se tenha realizado o V e espero me dê notícias sobre o modo como ele decorreu.

Para revista SUL, que conta com a nossa simpatia hei-de enviar trabalhos de todos os jóvens de Angola, que se preocupam com coisas do espírito. Por minha vez gostaria de divulgar aqui os vossos trabalhos. Estou militando presentemente no quinzenário independente FAROLIM (de vida atribulada) de que já lhe enviei um exemplar por via marítima. No terceiro número conto publicar uma crítica ao seu livro e gostaria de incluir um conto, inédito, da sua autoria. Um conto não muito longo. É isso que estou pedindo ao meu amigo. Também lhe agradeço que me consiga por aí prosa, poesia e desenhos de amigos seus não só para o Farolim como para a revista de Cultura e Arte "Mensagem", de que em breve lhe enviarei o segundo número. Iniciaremos assim um intercâmbio que, creio, resultará proveitoso para ambos os lados.

Caso possa e queira, agradecia que me enviasses um exemplar de cada uma das revistas "Fundamentos" (de S. Paulo), "Directrizes", "Para Todos

2
e também que me indicasse elementos ligados a essas revistas, com os quais Eu pudesse contactar. Mais um favor: está aí à venda o livro de Jorge Amado "O Mundo da Paz"? Há-de pensar mal de mim, que começo a aborrecê-lo com tantos pedidos. Creia, entretanto, que além de agradecer a atenção que V. me venha a dispensar, estou ao seu inteiro dispor e, portanto, pode pedir, sem acanhamento, tudo o que lhe possa interessar daqui.

Há tempos escrevi a Lila Ripoll, por intermédio de Sul. Espero façam chegar essa carta com a maior brevidade à destinatária. O meu colega e amigo Viriato da Cruz (o nosso melhor poeta) escreveu-lhe outro dia, a pedir o endereço da Lila. O Viriato é um dos nossos melhores elementos e trabalha agora no Departamento Cultural da Anamgola, departamento de que estou presentemente afastado por questões pessoais.

Junto a esta estou-lhe enviando um poema meu, dois da minha amiga Ermelinda Pereira Xavier, e em conto do Orlando de Távora.

Falemos agora do seu livro. Os meus aplausos. Gostei imenso. Aquela trilogia "Velhice um, dois e tres" está grandiosa. Está mesmo a revelar as suas qualidades para obra de mais fôlego: o romance. Não sei se atentar no drama de Galliani e irmã, se no de Otília, se no de Margarida, se no de empregado do censo populacional, que é o elo a ligar todas as histórias. Todas as figuras recortadas da vida e a transmitir ainda vida. "Alvina, essa minha noiva" com um encadeamento audaz e original é outro bom pedaço de prosa ficcionista. "Casos de Espiridinho" uma breve, mas incisiva, reportagem sobre o carnaval das ruas. "Medo" e "História banal" duas aguarelas: a primeira de tons escuros predominando, a segunda com algumas pinceladas lascivamente vermelhas. "Jantar de família" entusiasmou-me. Dum tema aparentemente insignificante, dum acontecimento comum e vulgar, extraiu o meu amigo bons momentos de arte. Gostei, como já gostara de "J.M., Cego", aquele conto que faz pensar se realmente existiu o J.M. e então V. é um grande e profundo reporter ou então se J.M. não existiu e estamos ante uma fantástica imaginação criadora a servir um bom ficcionista de cultura e poder discritivo destacáveis. Não, não é lisonja (que ganharia em ser lisonjeiro?). Aliás, vou ter ocasião de escrever sobre o seu livro para o público e fá-lhe com a honestidade que a minha função de

crítico imporá, e então o Salim verá mais profundamente o que penso do seu livro.

Há-de desculpar este pouco interessante "bate-papo". Escrevo a correr, sem pretensões, como a um camarada e amigo de longa data. E não me alongo mais. Termina na expectativa das suas breves notícias.

Um abraço de camaradagem do


António Jacinto

António Jacinto do Amaral Martins
Artado n. 867
Luanda. ANGOLA-

Meu Caro Amigo,

Conheço-o através de trabalhos seus publicados na SUL. E já estou ansioso por conhecê-lo melhor por intermédio de "Velhice" - livro que está sendo lido, neste momento, pelo meu amigo António Jacinto.

A SUL cativou-nos. Claro que o seu aspecto gráfico é pobre; mas que importa isso, se a revista se propõe defender princípios elevados, difundir uma cultura verdadeira, interessada, humana, à altura da hora que passa? Esta, a raiz que prende a nossa simpatia à SUL.

Quero pedir-lhe um favor. Pode enviar-me o endereço de Lilla Ripoll? e pode, ainda, informar-me em que cidade brasileira tem a revista PARA TODOS a sua redacção?

Meus amigos congratulam-se com os escritores brasileiros pelo êxito do seu IV Congresso. A Declaração dos Princípios e Resoluções merece o sacrifício de ser realizada. Sentimo-la inteirinha. O número de SUL, que traz a reportagem do Congresso, anda de mão em mão.

Aguardamos, com ansiedade, o anunciado livro de Jorge Amado "Subterrâneos da Liberdade", do ciclo "Muro de Pedras". Jorge tem muitos admiradores nestas paragens. E que seus livros, à força de exprimirem a verdade do homem e do meio brasileiros, atingem a universalidade. Aqui há muitos Balduinos, muitos Varapaus, muitas Rôças, muitos Zudes. Os homens, as mulheres e as crianças, que se movem nas páginas de Jorge, são irmãos gémeos - em sofrimento, alegria, ódio, amor e ansiedade de um mundo melhor - dos homens, mulheres e crianças que vejo passar ali na rua em frente. Não há dúvida: Tolstói tem razão: só quem está penetrado do amor da Humanidade, e não do puro e simples amor da Arte, pode produzir obra artística de valor.

Brevemente serei mais extenso.

Desculpe-me de lhe escrever à máquina. Sabe? é o processo de roubar menos tempo aos afazeres deste dia apertado de trabalho.

Certo de que o meu pedido merecerá de si uma resposta urgente, a qual poderá vir, por exemplo, por bilhete-carta,

agradecendo antecipadamente os seus favores, rogo se digne aceitar os protestos da minha maior consideração e estima.

Viriato

23-9-52.

Viriato da Cruz.
Escola Industrial de Luanda - C. P. 1287
Luanda - Angola.-

P.Todos: R. Cravisto da Veiga, 16 - sala 808

JOSÉ GRAÇA
CAIXA POSTAL 317
LUANDA—ANGOLA

Lda. 12 de Dezembro de 1956

Amigo Sr. Salim Miguel,

Com bastante agrado recebi a resposta às m/certas dirigidas à revista de que V.Sa. é director. Agradecido pela atenção que lhe mereceram, e mais ainda por se ter oferecido para me por em contacto com um português de Argentina, afim de obter os livros que pretendo. Grato pela oferta, que aceite.

Quanto à revista, não vale a pena enviar-me o exemplar que pretendia, porquanto depois de ter escrito para V.Sa. soube que o m/particular amigo António Jacinto recebia um numero de exemplares da revista, que lhe permitia distribuir-me um, o que aliás já vem fazendo.

Quanto ao envio de publicações e livros culturais que "possam facilitar um conhecimento de que se vem fazendo por aí no terreno da cultura" como V.Sa. diz, pouco ou nada posso enviar porque a actividade cultural é quase nula. Enviarei contudo a V.Sa. o que houver e que for obtendo de válido, para o conhecimento que pretende. Enviarei, no caso que convenha a V.Sa. colaboração de jovens autores angolanos, não publicados nos jornais de cá.

Sem outro assunto de momento e agradecendo mais uma vez toda a boa atenção de V.Sa., sou com estima e consideração,

De V.Sa.

Atenciosamente

J. Graça